

Capítulo 12

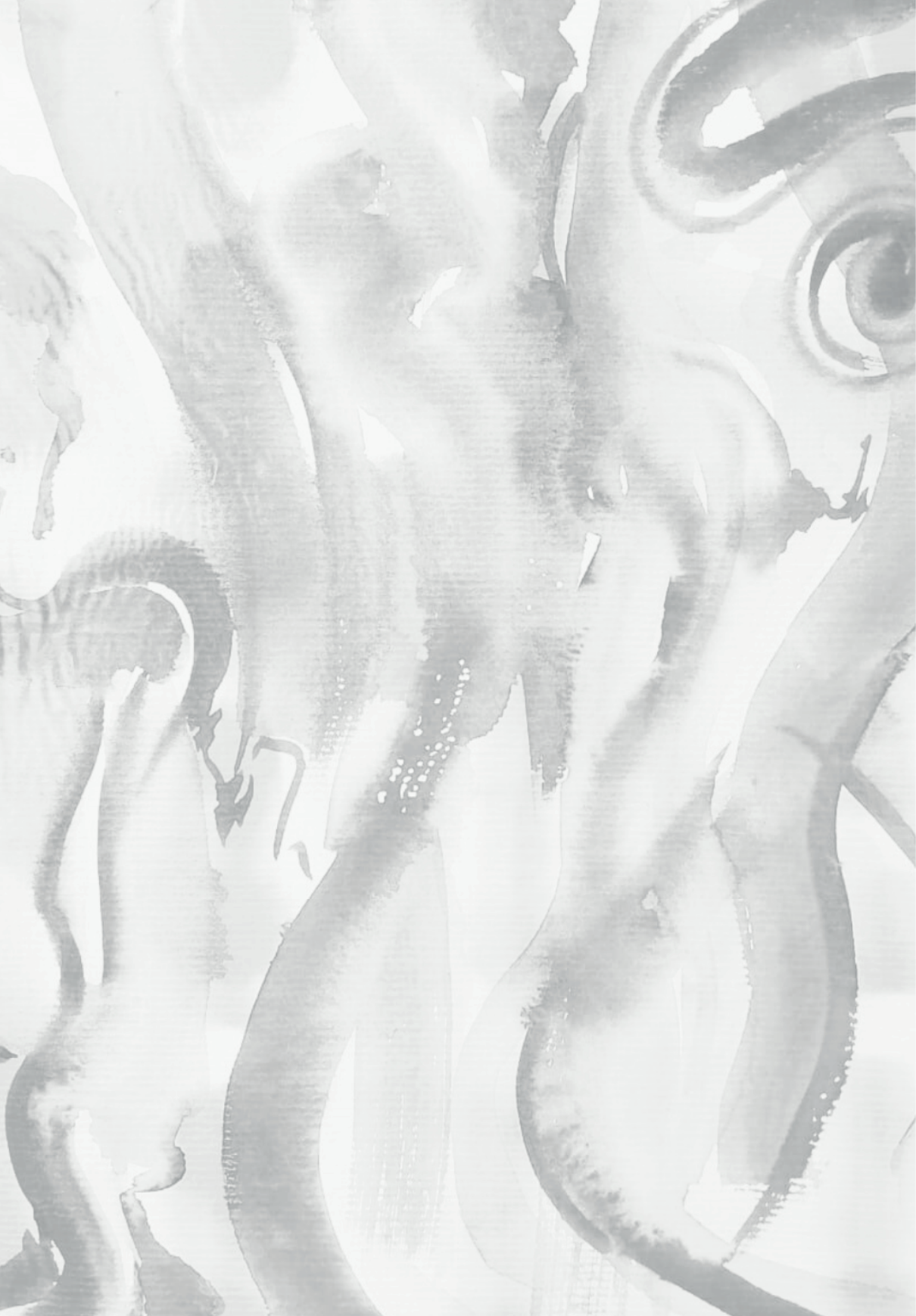
TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM BUSCA DO SEU ENCONTRO PEDAGÓGICO

Ilana Lorena dos Santos Chaves (CTRB)



A educação tem sentido porque mulheres e homens
aprenderam que é aprendendo que se fazem e
refazem, porque mulheres e homens se puderam
assumir como seres capazes de saber.

Paulo Freire



TRAJETÓRIAS DE UMA EDUCADORA EM BUSCA DO SEU ENCONTRO PEDAGÓGICO

Na família em que nasci, o estudar é um valor muito importante, por isso meus contatos com os livros de história de literatura começaram cedo, lendo e ouvindo os clássicos da literatura infantil, pois ganhei de presente de meus pais uma coleção que vinha com os discos e os livros; e eu passava quase todas as tardes de parte da minha infância ouvindo na minha vitrolinha. Posteriormente, como minha mãe, Ivanil Chaves, era professora de língua portuguesa, em nossa casa tínhamos muitos livros didáticos com textos e ilustrações de histórias e eu ficava imersa nas páginas desses livros.

Meu pai foi o meu grande contador de histórias. Lembro que eu e a minha irmã tínhamos as nossas histórias individuais. A minha era do Pedrinho, o menino que não queria escovar os dentes e, por causa disso, pasmem, virava um tamanduá! Essa história era contada com grandes lances de suspense e humor, o que tornava a minha hora de dormir muito aconchegante e divertida.

Sempre presenciei a minha mãe trabalhando muito! Por isso jurei a mim mesma, enquanto eu estava na adolescência, que jamais trabalharia na área da educação sendo professora ou diretora escolar, mas a vida me mostraria que é muito difícil fugir da área da educação.

Passei os primeiros anos da minha vida escolar na Escola Tenente Rêgo Barros, lembro que fiz o teste para admissão e fui classificada para estudar na 1ª série intermediária, pois existia também a 1ª série “forte” e “fraca”. Nessa escola concluí meus estudos até a 8ª série do Ensino Fundamental, quando saí, pois, para o nível médio, não havia a área de Ciências Humanas, somente a de Exatas.

Então, aos 14 anos ingressei no curso técnico do Magistério na Escola Adventista de Belém. Eu não tinha certeza do que queria fazer para o meu futuro profissional, mas, como quase toda minha família materna era da aérea da educação, meus pais me convenceram de que, a princípio, eu deveria fazer esse curso técnico. Nessa negociação, eu já sairia com um diploma e uma profissão e, depois, se eu quisesse, poderia no vestibular optar por outro curso. Meu curso de Magistério foi focado praticamente na Didática Instrumental, talvez por ter sido o primeiro ano de implantação do curso e muitas coisas estavam se estruturando e organizando. Não tomei conhecimento dos

grandes pensadores educacionais, como Paulo Freire, Moacir Gadotti, Anísio Teixeira e José Libânio, e, somente depois, na Universidade Federal do Pará os conheci. Contudo, na formação técnica, lembro-me especialmente de duas professoras com carinho, a de Sociologia Educacional e Psicologia Educacional, quando eu e a maioria dos colegas de turma ainda estávamos em plena adolescência nos anos de 1980.

Com a professora de Psicologia Educacional senti uma identificação imediata, acredito que pela forma como abordava essa área do conhecimento humano, tornando as aulas verdadeiros encontros com o conhecimento, nos quais a professora permitia uma aproximação conosco.

Formei-me Professora nível técnico em 1989 aos 17 anos, e viria o novo passo da vida! A universidade! E agora? O que fazer? Dúvidas não faltavam na minha mente. Lembro que liguei para uma tia minha para perguntar um pouco mais sobre o curso de Pedagogia, que, naquela época, era mais focado na Orientação, Supervisão ou Administração Escolar.

Mesmo ainda com dúvidas sobre meu destino profissional, fui orientada, mais uma vez, pelo meu pai a me inscrever no vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA) e na Universidade Estadual do Pará (UEPA), para ver primeiramente como eram as provas, equivalendo a treino, já que não tinha feito nenhum cursinho pré-vestibular. E, como “boa filha”, assim fiz. Para minha grande surpresa, fui aprovada na Universidade Federal do Pará para cursar Pedagogia! E também na Universidade Estadual do Pará, para o curso de Magistério – Licenciatura Anos Iniciais. Era o início do ano de 1990.

Pedi novamente orientação aos meus pais sobre qual dos cursos deveria fazer, e fui orientada a cursar Pedagogia, pois o curso já estava autorizado e reconhecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e as disciplinas seriam ofertadas pela parte da tarde e da noite, possibilitando-me exercer a docência na área da Educação Básica pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), com a qual firmei contrato no mesmo ano. Já o curso da UEPA, por ser ofertado em dois turnos obrigatórios desde o segundo ano (parte teórica pela manhã e parte prática pela tarde), restava-me inviável.

Meu novo caminhar na Universidade foi cheio de descobertas! Nessa época as disciplinas ofertadas ainda eram por créditos, o que possibilitava que em determinadas disciplinas cursadas pudéssemos interagir com pessoas bem diferentes e de outros cursos, principalmente durante os três primei-

ros semestres. Foi na universidade que tive contato pela primeira vez com os textos de Paulo Freire, e com a sua proposta de uma pedagogia emancipatória. E também com os grandes filósofos clássicos da humanidade: Platão, Aristóteles, Sócrates, Rousseau e Maquiavel.

Na universidade foram se descortinando novas áreas do conhecimento e novas oportunidades de crescimento pessoal. Afinal, aquela menina criada por um pai militar e uma mãe professora, crescendo principalmente dentro de uma vila militar, cercada de tantos cuidados e privilégios, estava tomando consciência de si e de tantas questões e desigualdades políticas e sociais pelas quais a população e a sociedade brasileira viviam e de todos os desdobramentos dessa realidade.

Entrei na universidade em 1990, prestes a completar 18 anos, para fazer um curso que deveria durar 4 anos, mas passamos por vários períodos de greve (todos justos) que consegui concluir o curso de Pedagogia – Habilitação em Magistério – apenas em 1996, juntamente com a chegada do meu filho primogênito Francisco! As colegas de turma brincavam dizendo que eu receberia dois diplomas. Enfim, foram várias lutas e consegui me formar. E, um semestre depois, cursei a Habilitação em Administração Escolar.

Ressalto que, nesse período passado na UFPA, eu já trabalhava como professora pelo Estado e, incentivada pela minha mãe, prestei concurso para a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) para lecionar na Educação Básica, sendo chamada no ano de 1993. Então, a partir dessa data, tentava conciliar o trabalho nas salas de aula pela manhã e à tarde com o estudo das disciplinas possíveis na universidade à noite.

Minhas experiências nas escolas estaduais do meu estado iniciaram na sala de aula, especificamente com crianças da 1ª série, e passaram pela vice-direção e orientação com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Lembro com muito carinho tanto dos alunos e alunas da 1ª série quanto dos educandos e educandas da EJA. Na vice-direção aprendi a ser mais organizada, ao lidar com documentos importantes para o funcionamento da escola e a trabalhar juntamente com a secretária escolar, contudo, foi na orientação que meus olhos brilharam. Pude me aproximar mais dos alunos e das alunas, e mesmo num contexto propenso a vulnerabilidades socioeconômicas, culturais e emocionais do público, busquei ser aquela pessoa e profissional que os estimulava e oferecia suportes, na medida do possível, para não desistirem de seus estudos.

Na Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC), foi onde eu tive algumas experiências bem desafiadoras na área da docência. Eu era muito rigorosa com a questão da disciplina, talvez por ter sido criada por uma mãe professora e gestora escolar e por um pai militar. Então tive que, bem aos poucos, ir me reajustando e conquistando a duras penas uma nova forma de ver a organização cotidiana em sala de aula em relação aos comportamentos e à interação dos estudantes. Nessa época, as formações que a SEMEC proporcionava aos educadores eram construtivas e muito enriquecedoras! Costumo dizer que o “pulo do gato” aconteceu nessa instituição, quando fui lotada na Educação Infantil, e nossas formações educativas eram centradas no SER criança, na perspectiva de sua totalidade. Tive formações para compreender o pensamento infantil, a importância do brincar para desenvolvimento humano, incluindo o acesso a diversas formas de manifestações artísticas, como o desenhar e a música, o trabalho com a corporeidade infantil.

Depois dessa experiência enriquecedora com a Educação Infantil, trabalhei no espaço pedagógico Sala de Leitura e a Biblioteca Escolar, lotada na Escola Municipal Professora Terezinha Souza (SEMEC). Para a Sala de Leitura, pude levar minha experiência vivida por muitos anos na Educação Infantil, buscando desenvolver uma aprendizagem mais alegre, para um despertar da leitura por meio do encantamento dos livros, das músicas, dos movimentos corporais e também dos vídeos. Quando surgiu a oportunidade de trabalhar na biblioteca escolar, compartilhei as experiências adquiridas durante toda essa minha vida na docência. A biblioteca escolar é um local que deve ser encantador e de fácil acesso aos educandos e à comunidade. Foi um novo desafio, já que existe um processo de organização e catalogação específico para esse espaço. Confesso que fiquei ansiosa. E, nesse momento, uma especial educadora chamada Iracema Mattos, professora da Educação Infantil, que na época estava readaptada e trabalhava na biblioteca, segurou a minha mão e me orientou em todos os meus passos, não me deixando esmorecer! Ah, a educação nos proporciona encontros com pessoas belíssimas.

Em 2009, quando imaginei que minha vida do fazer pedagógico já estava toda estruturada, novamente minha mãe, me fala que estavam abertas as inscrições para o concurso para Professora Pedagoga na Escola Tenente Rêgo Barros. E tanto falou e tanto insistiu que, mesmo grávida, resolvi

fazer a inscrição. E, na sequência, realizei a prova, deixando minha filhinha Helena com meses de vida em casa (e no aguardo da amamentação). Eram somente três vagas, então fui fazer tranquila, pois imaginei: “Eu não tenho a mínima condição de passar”. Eu achei a prova incrivelmente fácil então logo pensei: “devo ter respondido tudo errado”, afinal não havia focado os estudos para esse concurso e estava mesmo preocupada em voltar para casa, onde um ser pequeno por mim esperava.

Quando saiu o resultado, eu tinha sido classificada! Eu iria agora fazer a prova de títulos e a prova prática. Organizei a documentação comprobatória dos títulos que possuía e aguardei o próximo passo. Lembro que, no dia do sorteio do assunto da prova prática, fiz uma curta oração pedindo a Deus que fosse sorteado o tema que eu mais dominava, pois do sorteio tínhamos 24 horas para preparar nossa apresentação. E meu tema foi: “Prática de alfabetização através de uma contação de história da literatura infantil”. Fiquei muito feliz com tema, ele foi exatamente ao encontro de minha formação enquanto docente.

Na minha casa, a rede de apoio agiu: todos me ajudaram para a montagem da prova prática. Manuscrevi o planejamento e meu marido o digitou; minha mãe comprou uma cestinha, uns fitilhos coloridos e chocolates; depois, organizei o passo a passo da minha contação de história, escolhi a da “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, solicitei emprestado de uma amiga da escola da prefeitura, que havia trabalhado com literatura infantil, um grande livro feito com duas folhas de isopor, onde dentro estavam afixadas as histórias clássicas da literatura infantil, reescritas pelas próprias crianças. Eu tinha em casa uns chocalhos de plástico, então, pedi ao meu filho mais velho para enfeitar alguns, pois os usaria no momento inicial da minha aula prática na de cantoria de uma música. No dia da prova prática, ao chegar à escola (em que estudei por muitos anos), meu coração só faltava sair pela boca! Mesmo com toda a experiência de vida no fazer pedagógico, fiquei muito ansiosa. Mas consegui fazer a prova prática. Ufa! Havia tirado um peso do meu peito quando saí daquela sala.

Fiquei muito surpresa e feliz, quando saiu o resultado e fui aprovada em 2º lugar! Passado o momento da felicidade, veio a preocupação, já que eu já tinha muitos anos de trabalho no Estado e na Prefeitura de Belém, e ainda seria impossível atuar no serviço público com três vínculos. E, nesse período da minha vida, eu precisava de tempo, de qualidade de vida para poder ver e

acompanhar a vida dos meus filhos: o Francisco, que já estava adolescente, e a Helena, que ainda era um bebê. Fiz a opção por ficar na docência na prefeitura de Belém e na docência na Escola Tenente Rêgo Barros. Com isso, solicitei minha exoneração do vínculo do Estado, onde havia trabalhado por quase 20 anos.

Na Escola Tenente Rêgo Barros, fui lotada para trabalhar com o 2º ano/9, antiga 1ª série. Lembro que cheguei à escola para me apresentar numa manhã chuvosa de fevereiro de 2010, estava terminando o baile de Carnaval das crianças e fui olhar o espaço da Educação Básica Anos Iniciais, que agora tinha novas salas, as quais no meu tempo de estudante não havia.

Ao assumir a turma do 2º ano/9, confesso que estava um pouco apreensiva, pois mesmo tendo experiências anteriores nas escolas Estaduais do Pará e Municipais de Belém, iria começar num espaço educativo totalmente novo (e tendo as demandas de uma filha de apenas 10 meses). Novamente fui muito bem orientada por colegas professoras que atuavam no mesmo ano de ensino, pois a escola tem uma base forte de conteúdos a serem trabalhados em um prazo de tempo definido pelo calendário escolar, por isso deveríamos estar atentos e em sintonia para conciliar essa questão e, assim, não perdermos de vista a vivência da infância e de suas necessidades específicas. Por isso, incluí na rotina dos alunos e das alunas o acolhimento com música, a pausa para o relaxamento, a proposição de atividades em que as crianças também pudessem expressar suas opiniões sobre os diversos temas tratados nas áreas de cada conhecimento.

No mesmo ano de 2010, quando iniciei a prática docente na Escola Tenente Rêgo Barros, passei no curso de mestrado na área da Avaliação Educacional; o curso era um convênio firmado entre a Seção de Neuropsicopedagogos do Estado do Pará e a Universidade de Évora em Portugal. Uma parte do curso seria cursado no Brasil e outra em Portugal. Pude vivenciar quase todo o período do curso de mestrado, incluindo a experiência de passar 45 dias em Évora – Portugal, período de grandes vivências e experiência de vida.

Em nossas vidas, creio, passamos por hiatos, separações; que depois se revelam novas oportunidades. Em 2014 precisei me afastar de todas minhas atividades profissionais e de estudo, não conseguindo concluir o mestrado; por um problema de saúde que afetou gravemente meu braço direito e depois o esquerdo. Porém, foi um período que necessitei e foquei a

minha saúde de modo global, tanto física quanto mental.

Ao retornar para a Escola Tenente Rêgo Barros, agora com algumas limitações laborais, fui primeiramente trabalhar ajudando na coordenação pedagógica do 5º ano e, posteriormente, passei pela orientação do 4º ano, regente na Sala de Leitura e das disciplinas de História e Geografia.

De todas essas experiências a regência na Sala de Leitura foi também muito marcante para mim. Foram várias as tentativas de tornar esse ambiente acolhedor, colorido, com trabalho de histórias clássicas da literatura infantil e com as Lendas de parte da nossa Amazônica (Belém), tais como: “A moça do Táxi”, “O lobisomem da Pedreira”, “A mãe d’água do Igarapé São Joaquim”. Com isso, houve a promoção e a valorização de escritores paraenses e suas obras, tais como o poeta e trovador Juraci Siqueira e Walcyr Monteiro.

A experiência no espaço de Sala de Leitura foi tão instigante para mim, que fiquei muito feliz quando surgiu a oportunidade de realizar o curso de especialização “Formadores de Contadores e Mediadores de Histórias da Amazônia”, ofertado pela Escola Superior da Amazônia (ESAMAZ) no ano de 2020.

Era o início de 2020, e não tínhamos ideia do que iríamos enfrentar... Era a pandemia de Covid-19 chegando. Ao mundo, apreensão, medo, perdas se apresentavam.

Assim, o curso que deveria ser totalmente presencial teve que se ajustar, assim como toda a sociedade. Uma parte do curso, muito preciosa, foi presencial. E a outra parte, também cheia de aprendizagens foi no formato online. Como a universidade era particular, dispunha de todo o aparato técnico necessário e, assim, fomos construindo não somente uma rede de estudo, mas uma rede apoio, de afeto, de resistência pelo ato de educar amorosamente através da prática dos Contadores e Mediadores de Histórias. Mesmo no formato online, conseguimos trabalhar a importância da música, do brincar, da expressão corporal e vocal para conseguir passar a nossa mensagem por meio das histórias.

Ao término da formação, que durou dois anos, fui convidada por uma professora do curso a participar do grupo Movimento de Contadoras e Contadores de Histórias da Amazônia – MOCOHAM, e aceitei imediatamente o convite.

No fim do ano de 2024, por questões laborais, foi necessário passar por nova perícia médica e fui readaptada definitivamente no Colégio Tenente

Rêgo Barros. E, logo no início de 2025, fui lotada no espaço da Biblioteca Escolar “Brigadeiro Eduardo Gomes”, após apresentar o projeto de mediação de leitura e contação de história “Voando nas asas da literatura”, para ser trabalhado inicialmente com as crianças do 1º ano da Educação Básica juntamente com a professora regente de Letramento Literário do colégio.

Fui muito bem acolhida no espaço da Biblioteca, tanto pelas bibliotecárias quanto pelos outros profissionais que trabalham no atendimento dos alunos. No primeiro momento de contação de história as crianças foram muito receptivas!

Finalizo aludindo a um momento muito especial, quando participei da “Cerimônia do Caderno” para as crianças do 1º ano e seus familiares, do Colégio Rêgo Barros. contei “A História de Naitá”, escrita por Danilo Furlan, com ilustrações de Maria Cininha; e apesar do grande nervosismo que eu sentia, pois pela primeira vez faria uma contação para um público maior e no teatro da escola, foi um momento muito importante em que percebi as crianças reagindo com interesse e encantamento pela história. Essa experiência me faz acreditar que estou no lugar certo e que tenho muito ainda a aprender e a contribuir para que o acesso à leitura e sua fruição sejam ocorram a partir de um despertar por meio do encantamento, da curiosidade e da reflexão-ação-reflexão. Abaixo imagem do evento “Cerimônia do Caderno”, no Colégio Tenente Rêgo Barros, em 2025.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA E O DESPERTAR DE UMA PESQUISADORA